

humanitas

Vol. L - Vol. I


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO I
MCMXCVIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA RECEPÇÃO
DOS TEXTOS DE AVERRÓIS (1126-1198)
NA PENÍNSULA IBÉRICA
ENTRE OS SÉCULOS XIII E XV
NUMA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DO LIVRO

MANUEL CADAFAZ DE MATOS
Centro de Estudos de História do Livro

Entre os investigadores, votados ao pensamento medieval peninsular, que ao longo das últimas décadas deste século têm produzido obra profunda e regular, cumpre-nos pôr em relevo o nome do Prof. Doutor Mons. Cón. José Geraldes Freire. Dos seus numerosos trabalhos destacamos, entre outros *A versão latina por Pascácio de Dume dos “Apophtegmata Patrum”*, Coimbra, 1971¹; *Tradução para a “Liturgia das Horas” das Segundas Leituras dos Ofícios Comuns, Próprio dos Santos, Tempo Comum e Revisão e Correção das Segundas Leituras do Tempo Pascal*, (1ª. edição, Editorial Franciscana, 1975), 2ª. edição, Gráfica de Coimbra, 1984, *Oração de Sapiência, O Latim Medieval em Portugal: Língua e Literatura*, Coimbra, Reitoria da Universidade, 1995.

1. No 8º. centenário da morte de Averróis.

Comemora-se em Espanha, no presente ano, o 8.º centenário da morte do filósofo Ibn Rushd, entre nós mais frequentemente referenciado por Averróis. Este pensador, nascido em Córdoba em 1126 e falecido em Marraqueche

¹ Nesta obra – que constitui a Tese de Doutoramento daquele Autor – integra-se: I- o estudo linguístico e texto crítico em 101 capítulos; e II – descrição dos manuscritos (mais de 150) e genealogia dos códices.

(Marrocos) em 1198, foi um dos filósofos medievais cujas obras exerceram uma significativa influência em diversos autores lusitanos até ao século XVI.

Essa aceitação dos ideais averroístas, sobretudo a partir dos primórdios do Humanismo europeu, registou-se principalmente em diversos estudiosos que, entre os séculos XIV e XV, procuravam fora do solo pátrio as “luzes” de um pensamento renovado. Tal decorreu, particularmente, em universidades como as de Pádua, Veneza, Paris ou Salamanca, não esquecendo que tal se registou, de igual modo (embora, porventura, em menor dimensão), na conimbricense.

Diversas iniciativas têm sido levadas a cabo – a maioria das quais associadas à vida universitária no ocidente europeu – ao longo dos últimos meses, de forma a evocar condignamente Averróis. Lembramos apenas, entre outros casos, edições de Alain de Libera² ou de Dominique Urvoy³ e reedições de textos já clássicos neste domínio como os de Ernest Renan⁴ e Roger Arnaldez⁵, para além de vários colóquios internacionais votados à discussão da obra do mesmo filósofo-polígrafo.

Não foram até ao momento, que saibamos, programadas em Portugal quaisquer iniciativas tendentes a uma comemoração condigna do que também a Filosofia portuguesa medieval ficou a dever a este sábio do Islão. Não pretendemos, assim, deixar de o fazer nesta Revista.

Ao apreendê-lo não podemos deixar de evocar alguns dos que nos precederam neste âmbito. Foi o caso de Henrique António Pereira, autor de uma monografia de pequeno formato, *Averróis, sua vida, obras e doutrina* (com algumas palavras do Prof. Doutor Raul da Costa Torres), Porto, Edições Pensamento, col. “Pensadores Árabes”, 1939; ou ainda do Prof. Doutor Joaquim de Carvalho que, como é sabido, dedicou algumas das suas pesquisas (de certo modo em temáticas colaterais), a reflexos do pensamento desse filósofo árabe em autores portugueses do Renascimento.

² Alain de Libera (editor), *Averroès, L'intelligence et la pensée. Sur le De Anima*, apresentação e tradução inédita por..., Paris, GF Flammarion, 1998. Importa especificar – em relação ao filósofo árabe medieval de que aqui nos ocupamos – que o seu nome chegou, até ao presente, na Europa ocidental, através da seguinte evolução linguística evidenciada por Miguel Cruz Hernández (1996): “Abán Rusd - Abén Rosd - Abenrocd - Avenroch”.

³ Dominique Urvoy, *Averroès, Les ambitions d'un intellectuel musulman*, Paris, Flammarion, col. Grandes Biographies, 1998.

⁴ Ernest Renan, *Averroès et l'Averroïsme. Essai historique* (3ª. edição aumentada, Paris, 1867), nova ed., com prefácio de A. de Libera, Paris, Maisonneuve e Larose, 1997.

⁵ Roger Arnaldez, *Averroès, un rationaliste en Islam*, Paris, 2ª. ed., Éditions Balland, 1998. Assinale-se a particularidade de ter sido escolhida para a capa deste volume uma imagem do filme *Le Destin* (1997), sobre o filósofo, do cineasta egípcio Youssef Chahine.

Por não ser a nossa formação de base nem a filosofia medieval nem a língua árabe, iremos desenvolver esta apreciação em torno dos textos de Averróis na nossa perspectiva de historiadores do livro⁶. Procurar-se-á, fundamentalmente, relevar quer alguns dos aspectos essenciais decorrentes da circulação de textos de Averróis na Península Ibérica entre os séculos XIII e XV quer, e sobretudo, das principais edições incunabulares com textos desse filósofo que integram hoje algumas principais bibliotecas portuguesas e castelhanas.

Essas edições com textos de Averróis, da primeiro período da história da Imprensa europeia são, como se verá em lugar oportuno, principalmente venezianas. Num caso ou outro, porém, também chegaram até nós edições quato-centistas com textos deste autor ocorridas em Pádua e em Bolonha.

2. Alguns dados (sumários) para um enquadramento temático-filosófico da obra de Averróis.

Uma análise aos escritos de Averróis que circularam, primeiramente, em alguns *scriptoria* e escolas catedralícias do ocidente europeu, envolve uma apreciação daqueles textos que são considerados por parte dos seus biógrafos como testemunhos fundamentais da sua produção.

O filósofo natural de Córdoba produziu, com efeito, ao longo da segunda metade do séc. XII, uma vasta e multifacetada obra. Entre os esforços de catalogação dos escritos de Averróis, um deles merece ser realçado, o de Ph. W. Rosemann, "Averroes: A catalogue of editions and scholarly writings from 1821 onwards"⁷.

Quer Alain de Libera quer Dominique Urvoý são unânimes em considerar - numa perspectiva cronológica da produção de Averróis - que é a partir da permanência de Averróis em Marraquech, desde 1153, que principia o seu caudal de produção teórica em vários domínios científicos então mais do seu interesse.

⁶ À circulação de textos averroístas em universidades europeias - sobretudo na de Pádua - já votámos parte de um estudo anterior. Vide Manuel Cadafaz de Matos, "Giovanni Pico, o cultor das línguas orientais, o averroísmo..." (por lapso saiu averroísta), in *Humanitas*, vol. XLVIII (1996), pp. 268-308. Desejamos relevar, de igual modo, o incentivo recebido, nesta (e noutras) matéria(s), do arabista Prof. Doutor António Dias Farinha, actualmente Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, quando nos anos lectivos de 1983-1984 e 1984-1985 fomos seu aluno, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nas cadeiras de "Árabe I" e "Árabe II"

⁷ *Bulletin de Philosophie Médiévale* (SIEPM), 30, 1988, pp. 153-221.

Os primórdios da sua erudição documentam-se, naquela década, em três estudos: um resumo de *Mustasfa*, de Ghazāli (1157); os *Compendia* de Lógica e o resumo do *Almagesto* de Ptolomeu (ambos do período de 1158-1160) e um *Compendium* dos Meteorológicos (1159).

Na década de 60, mais precisamente em 1161 - sensivelmente no período em que morre Avenzoar, em Sevilha - termina a redacção da primeira versão das *Generalidades sobre a Medicina*. Em 1167 redige o comentário médio dos *Topicos* e em 1168 termina a redacção de *Bidāya* (com excepção do *Livro de peregrinação*). É nesse período - depois de completar os quarenta anos de idade - que, sem dúvida, aprofunda os seus conhecimentos em torno da obra de Aristóteles, de que pouco depois virá a ser um dos mais autorizados comentadores.

Averróis, entretanto, é nomeado em 1169 *cádi*⁸ em Sevilha. Ele terá redigido pouco antes dessa data, segundo Alain de Libera, alguns pequenos comentários sobre o *Organon*, a *Física* e *Metafísica* de Aristóteles. A partir de 1171 encontra-se de novo em Córdoba e, já no ano seguinte, estabelece o comentário intitulado *De generatione et corruptione*.

Entre 1175 e 1177 estabelece comentários mais alargados à *Retórica* e à *Metafísica* de Aristóteles; um comentário médio à *Ética a Nicomaco* (1177); e o *De Substantia orbis* (1178). Este último trabalho já é terminado em Marrakech, onde então permanece algum tempo.

De novo em Sevilha a partir de 1179, termina nesse ano os tratados *Fasl al-maqal* (Discurso decisivo) e o *al-Kashf 'an manahij al-'adilla* (Revelação dos processos da demonstração). Passando a desempenhar - em 1180, segundo Dominique Urvoy e em 1182, segundo A. de Libera - as funções de *grā-cádi* em Córdoba, admite-se que ele tenha produzido em 1181 o comentário à *República* de Platão. No ano seguinte passa a desempenhar as funções de médico pessoal do sultão Abu Ya'qub Yusuf.

Entretanto de 1186 é o seu grande comentário à *Física* de Aristóteles. Em 6 de Julho de 1188, por seu lado, termina o *Livro da peregrinação* juntado ao tratado *Bidaya*, cuja a redacção, como vimos, fora já feita vinte anos antes, em 1168.

Já bastante velho - a caminho dos setenta anos de idade -, entre 1192 e 1194, terá redigido comentários às obras de Galeno. E se em começos de Julho

⁸ Artur Bivar, *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*, Porto, Edições Ouro, 1948, *cádi*: magistrado judicial entre os muçulmanos.

de 1195 a sua obra era honorificada no sul da Espanha árabe. Poucos anos depois, era condenado ao exílio na vila de Lucena, sendo já em 1198 transferido para Marraqueche (não vindo a ser reabilitado nas suas funções), cidade marroquina onde falece na noite de 10 para 11 de Dezembro desse ano.

A bibliografia de Averróis estabelecida por Ph. W. Rosemann encontra hoje, para o analista, um notório complemento na organizada por Miguel Cruz Hernández. Este segundo investigador, com efeito, reparte todo o vasto conjunto de textos de Averróis numa heurística que facilita, *grosso modo*, o trabalho dos estudiosos:

1. *Obras filosóficas*, incluindo a) exposições compendiadas, b) paráfrases, c) comentários literais, d) outras exposições sobre filosofia, e) exposições originais e questões disputadas;

2. *Obras teológicas*;

3. *Obras médicas*, incluindo a) paráfrases de medicina teórica, b) exposições originais;

4. *Obras astronómicas*;

5. *Obras jurídicas*; e

6. *Obras duvidosas com respeito ao todo ou parte do seus conteúdo*.

O mesmo especialista em Averróis considera, por seu lado, deverem ainda perspectivar-se — na bibliografia do filósofo (embora já manifestamente num sentido colateral) — dois dos seus familiares que também se notabilizaram, embora em menor dimensão, nas áreas da filosofia e da ciência. Especifica, assim, como matéria complementar a essa mesma bibliografia as duas seguintes unidades:

7. *Obras de Abu-l-Walid Muhammad b. Rusd o “Avô”*; e

8. *Obras de Abu M. ‘Abd Allah b. Walid b. Rusd, filho do filósofo*.

Do conjunto da obra de Averróis, ainda na perspectiva de Miguel Cruz Hernández, conservaram-se 54 tratados completos; de outros seis tratados chegaram os respectivos textos até aos nossos dias, embora possam subsistir dúvidas sobre a autenticidade integral ou parcial do seu conteúdo. Os reportórios disponíveis contêm até 21 títulos de que não se conserva texto algum; porém, pela descrição parecem ser importantes. Finalmente o número de atribuições erróneas de tratados a esse autor ascende a 35 títulos⁹.

⁹ A cronologia da produção das obras de Averróis aqui apresentada foi estabelecida a partir dos dados apresentados na respectiva secção por Dominique Urvoy, *op. cit.*, pp. 231-235; e por Alain de Libera, *op. cit.*, pp. [406]-[410]. A respeito de mais recentes investigações em torno da obra do *Comentador*, remete-se para Miguel Cruz Hernández, “Cumbre y coda de la *Fálsafa*: Abu-

3. Da influência do averroísmo em pensadores cristãos portugueses no século XIII e em alguns judeus sefarditas peninsulares.

Debrucemo-nos, agora, sobre alguns dos primeiros documentos que indiciam a influência de Averróis em autores portugueses.

Pela bula de Nicolau IV, de 9 de Agosto de 1290 havia sido confirmado o *Estudo Geral* conimbricense, passando então a estar activas nesta cidade quatro faculdades, nomeadamente Artes, Cânones, Leis e Medicina. Tal sucedia menos de um século após a morte de Averróis. Não restam dúvidas, no entanto, que poucas décadas depois, sobretudo a partir de meados do séc. XIV, já era notória a leitura de textos desse pensador mulçumano nestes meios universitários, em resultado das “visitas” de estudiosos a outros meios monástico-universitários como Salamanca ou Paris.

Uma das primeiras manifestações da influência de trabalhos do pensador de Córdoba em filósofos medievais portugueses – como disso se aperceberam Mandonnet¹⁰ e Francisco da Gama Caeiro¹¹ – é o códice 2299 existente na BN em Lisboa¹² com obras de Siger de Brabante, filósofo falecido em 1282.

Desse códice – que compulsámos naquela instituição – constam diversos tratados daquele filósofo e pelo menos um que, de fonte segura, se sabe não ser da sua autoria. Entre os primeiros contam-se “Cinco questões morais”; e “Seis questões naturais”. Embora também aí figure o “De mundi aeternitate”, não restam dúvidas que o seu autor foi Boécio de Dácia.

Importa relevar que não muito tempo depois da trasladação dos restos mortais do filósofo de Marraqueche para Córdoba (em 1199), o aproveitamento

1-Walid b. Rusd, Averroes (1126-1198)”, in *Historia del pensamiento en el mundo islámico* (3 vols.), vol. 2. *El pensamiento de al-Ándalus (siglos IX-XIV)*, Madrid, Alianza Editorial, col. Alianza Universidad Textos, 1996, pp. 503-580, em particular pp. 513-515; vide, ainda, idem, *Abu-l-Walid Ibn Rusd, Averroes. Vida, obra, pensamiento, influencia*, Córdoba, 1986.

¹⁰ P. Mandonnet, *Siger de Brabant et l'averroïsme latin au XIIIe. siècle*, Lovaina, 2ª. edição, 1908-1911

¹¹ Francisco da Gama Caeiro, “Averroísmo em Portugal”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, Editorial Verbo, vol. 3, 1965, cols. 126-128. Remete-se, no mesmo volume, para o texto de Gomez Nogales, “Averróis”, cols. 122-123.

¹² F. Stegmüller, *Neugefundene Quaestionum des Siger von Brabant*, Lovaina, 1931. Sobre a obra deste pensador averroísta medieval remetemos ainda para B. Nardi, *Sigieri di Brabant nel pensiero del Rinascimento italiano*, Roma, 1945; e F. Steemberghen, *Siger de Brabant d'après ses oeuvres inédites*, Lovaina, 1931-1942.

dos textos deste autor por parte de intelectuais como Siger de Brabante fazia nascer na Europa do ocidente averroísmo. Esta corrente, segundo a caracterizou Pinharanda Gomes, mais não constitui do que um fenómeno do aristotelismo, um aspecto particular do pensamento escolástico oriundo de uma leitura da doutrina aristotélica¹³. Essa constitui, de facto, a razão de Averróis ter sido designado privilegiadamente na Idade Média — e também no Renascimento — como o *Comentador* [de Aristóteles].

Passou assim a verificar-se na Península Ibérica, mais em particular em Portugal, uma corrente filosófica que afectou o nosso pensamento, ou seja uma variante escolástica designada por *averroísmo latino*. Tratou-se, segundo P. Mandonnet, de “uma herança integral de Aristóteles, comentada por Averróis, e recebida tal qual por alguns filósofos latinos”¹⁴.

Neste período é notória também em Portugal a influência da escolástica francesa. A frequência por parte de estudiosos da Península dos *studia* parisienses já era então regular, chegando aqui os reflexos daquela corrente do *averroísmo latino*. O início dessa corrente no ocidente europeu — e seguimos a magistral síntese estabelecida por Pinharanda Gomes — ocorre em meados do século XIII ou pouco antes dessa data. Na perspectiva de Mandonnet tal pode situar-se em 1250; para Renan, no entanto, tal já teria acontecido um pouco antes. “Mas o curto prazo que medeia entre a data proposta por Renan e a data sugerida por Mandonnet não afecta a realidade de um processo que tem uma clara origem peninsular e que é sensível, embora lento, a partir da morte de Averróis”¹⁵, em 1198.

Um dos primeiros momentos de “apropriação” de textos de Averróis ou averroístas por parte de reputados autores portugueses verificou-se no século XIII com Pedro Hispano, um contemporâneo de Siger de Brabante. Este autor — que, depois de ter frequentado a escola catedralícia de Lisboa, veio a leccionar quer nas universidades de Paris e Siena quer na côrte de Frederico II (vindo em 1276 a ser eleito papa com o nome de João XXI) — foi, sem dúvida, um devotado *seguidor* do pensamento aristotélico de Averróis.

¹³ Pinharanda Gomes, “Averroísmo”, in *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, pp. 41-47, em particular p. 41; idem, *A Filosofia Árábigo-Portuguesa*, (História da Filosofia Portuguesa, III), Lisboa, Guimarães Editores.

¹⁴ P. Mandonnet, *op. cit.*, 2ª. ed., p. 177; Pinharanda Gomes, “Averroísmo”, ed. cit., p. 43.

¹⁵ Pinharanda Gomes, *op. cit.*, loc. cit. Agradecemos a Josué Pinharanda Gomes ter-nos enviado tais elementos para este nosso trabalho.

Figuras 1 e 2



Duas gravuras referentes a Pedro Hispano (sendo notória a influência de um grafismo padrão do rosto deste papa português que circulou na Europa até um período tardio)

Entre alguns dos mais notáveis tratados de Pedro Hispano contam-se os intitutados *Scientia libri De Anima*; *Commentarius in I De Anima*; e *Expositio libri De Anima*, hoje conhecidos graças à tenacidade e ao saber de Manuel Alonso¹⁶. Não restam hoje dúvidas que os comentários de Averróis quer ao tratado aristotélico *De Anima*, quer aos tratados de zoologia foram frequentemente utilizados por Pedro Hispano¹⁷.

Registou Manuel Alonso a este respeito que Averróis é o único expositor e comentarista “que supone la *Expositio libri de anima*, um dos textos de psicologia fundamentais de Pedro Hispano”. É tal a importância do pensador de Córdoba no discurso deste pensador português do século XIII que apenas nos comentários ao *De Anima* ele o cita, expressa ou implicitamente, trinta e sete vezes.

Esse facto, ao que constatou Francisco da Gama Caeiro, *revela a extensão desta influência, explicável talvez por então ainda não ter sido levantada a suspeição herética sobre o “Commentator”; a mesma*

¹⁶ Ao Pe. Manuel Alonso ficaram a dever-se as edições destes dois tratados fundamentais de Pedro Hispano (c. 1210-1215/1277): *Scientia libri De Anima*, Madrid, Bolanos y Aguilar, 1941, 2ª ed., 1961; *Commentarius in I De Anima*, Madrid, 1944-45; e *Expositio libri De Anima*, Madrid, 1952. Vide ainda, em relação à primeira daquelas edições do texto de Pedro Hispano, “De Anima”, pelo Pe. Manuel Alonso em 1941, o registo catalográfico in *Bibliografia Geral Portuguesa, Volume II, século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1944, pp. 368-372. Mais recentemente a obra de Pedro Hispano mereceu ao Prof. Doutor J. M. da Cruz Pontes dois interessantes estudos: *Pedro Hispano, Portugalense e as controversas doutrinárias do século XII – a origem da alma*; e *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense – novos problemas textuais*, editados em Coimbra, pelo Instituto de Estudos Filosóficos, respectivamente em 1964 e 1972.

¹⁷ Francisco da Gama Caeiro, *op. cit.*, (1965), col. 126.

presença se verifica também nas suas obras zoológicas, como as “Questiones super libro de animalibus”.

Importa registar, no entanto, que Pedro Hispano não recorreu apenas episodicamente nesta sua obra a filósofos árabes de grande reputação transnacional nesse período como Averróis. Se se observarem alguns capítulos dos seus tratados *Thesaurus Pauperum*¹⁸ ou *Liber de conservanda sanitate*, vê-se que ele compilou ensinamentos também de outros autores árabes como Avicena, de uma época anterior, referenciando temas como por exemplo a “febre efêmera”, no primeiro; ou a necessidade de exercícios no “Início” de cada dia, no segundo¹⁹.

Já desde o século XIII que a cultura filosófica sefardita se via comungar dos ideias do averroísmo. Os judeus na Península Ibérica – mas mais particularmente aqueles que, saídos destas paragens, procuravam no estrangeiros novos horizontes para o seu credo – mantiveram, porém, em relação a esta corrente filosófica, uma posição característica.

Estes pensadores manifestam, com efeito, ao que regista ainda Pinharanda Gomes “algum assincronismo relativamente ao averroísmo latino, mas carreador, para os judeus, de análogas perplexidades às que o latino teve de comportar e considerar” e adianta: “a presença das doutrinas de Averróis na filosofia judeo-peninsular não se significa uma aceitação tácita do *Comentador*, engloba as tensões dialécticas de averroístas e de anti-averroístas, mau grado o prestígio que o filósofo árabe consegue entre os judeus pensantes do século XIV, que dão valor à sua obra lógica, médica e teológica”²⁰.

Este enquadramento filosófico permite aquilatar das razões que levaram também à versão, na língua hebraica, de diversos tratados de Averróis. Algumas dessas versões ficaram a dever-se a Abraão Ibn Daud. Tal facto contribuiu assim, a que diversos judeus, lendo esses tratados de Averróis na língua hebraica, o considerassem um autor judaico ou judaizante²¹.

¹⁸ *Thesaurus Pauperum*, tradução e edição por Luís de Pina e Maria H. Rocha Pereira, Porto, 1954-55.

¹⁹ Maria Helena da Rocha Pereira, *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1973: as citações vertentes - relacionadas com textos de Avicena (980-1037) - sobre matéria médica são de *Cantica Medicinæ*, in pp. 304 e 448.

²⁰ Pinharanda Gomes, “Averroísmo”, ed. ant. cit., p. 42.

²¹ É ainda neste contexto espiritual que em Veneza e em Pádua, na segunda metade do século XV - como veremos adiante quando nos debruçarmos sobre os primeiros impressos incunabulares averroístas - algumas das primeiras edições, com o texto de Averróis já em letra de fôrma, ficaram a dever-se a pensadores hebraicos.

Desses pensadores judaicos, porém, houve alguns que tomaram posição directa contra Averróis. Fora o caso, no século XII, de um contemporâneo de Averróis, Judá Halevi que, depois de o ler vertido na sua língua, combateu no tratado *Cusari* as suas teses, como aquelas que versavam sobre a alma e sobre a razão²². Esta situação contrapunha-se, por seu lado, à do judeu peninsular Maimónides que fizera coincidir a tese da eternidade do mundo com a sua interpretação da Lógica de Averróis²³. Esse fora, aliás, um período de intensas controvérsias na Península em que estiveram envolvidos, entre outros, o judeu Moses ben Nahman (1194-1270)²⁴.

4. A prática do averroísmo entre pensadores e altos dignitários da Igreja portugueses no século XIV.

Em relação ao século XIV — e mais concretamente no que se refere à importância de textos de Averróis em autores portugueses — há que considerar, num primeiro plano, a influência exercida em Afonso Dinis de Portugal.

Este autor — que já mereceu estudos, de algum modo parcelares por parte de investigadores como J. Kürzinger²⁵, A. D. de Sousa Costa²⁶ ou José Maria da Cruz Pontes²⁷ — foi recentemente objecto de apreciação por parte de José Galdes Freire²⁸. Este (último) investigador conimbricense estabeleceu, com efeito, na

²² Joaquim de Carvalho, “Leão Hebreu, Filósofo”, in *Obra Completa*, I, Filosofia e História da Filosofia (compilação por José V. de Pina Martins), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978, pp.189-190; Pinharanda Gomes, *op. cit.*, loc. cit.

²³ Sobre o pensamento de Maimónides, nove anos mais novo que Averróis (Córdoba, 1135-1204), remete-se para José Luis Lacave e Elena Romero (coorden^o. de Iacob M. Hassán), *Maimónides y su mundo*, Asociación B’nai B’rith de España/Dirección General de Enseñanzas Media, 1986, em particular o capítulo “Los judios en Al-Andalus”.

²⁴ Manuel Cadafaz de Matos, “O filósofo Moses ben Nahman (1194-1270), nos primórdios do orientalismo peninsular” (1989), 2^a ed., Madrid, Boletín de la Asociación Española de Orientalistas, Anos XXX-XXXI, 1994-1995.

²⁵ J. Kürzinger, “Alffonsus Vargas Toletanus und seine Theologische Einleitungslehre”, in *Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters* XXII, 5-6. Münster in Westphalien, 1930, p. 95

²⁶ A. D. Sousa Costa, “Mestre Afonso Dinis”, in *Itinerarium*, III, 15, 1957, pp. 370-417; idem, *ibidem*, III, 16-17, 1957, pp. 510-607.

²⁷ José Maria da Cruz Pontes, “Afonso Dinis de Portugal - um desconhecido na cultura portuguesa do século XIV”, Porto, *O Primeiro de Janeiro*, 6 de Junho de 1977.

²⁸ J. Galdes Freire, *Oração de Sapiência, O Latim Medieval em Portugal: Lingua e Literatura*, ant. cit., pp. 35-36. Agradecemos ao autor não só a oferta deste trabalho, como as indicações bibliográficas constantes das três notas anteriores e diversos outros esclarecimentos sobre esta matéria resultantes das suas pesquisas. Entre outros autores averroístas que nos foram

sua obra *O latim medieval em Portugal...*, que Afonso Dinis de Portugal foi “pároco, depois cónego e ainda bispo da Guarda (1346-1347) e de Évora²⁹ (1348-1352)” e traduziu o *Tractatus de Averrois de separatione primi principii... a magistro Alfonso Dionisii de Ulixbona, hispano, apud Vallem Toleti interprete magistro Alfonso converso*.

Trata-se de um códice – também referenciado por Francisco da Gama Caeiro³⁰ – que se encontra depositado na Biblioteca Bodleiana de Oxford: Códices Digby, nº. 236, fls. 190-194³¹. Na opinião de Cruz Pontes³², aquele intérprete toledano poderá ter sido um judeu que ajudou Afonso Dinis de Portugal a traduzir aquele texto de Averróis da língua árabe.

Estamos em crer que o presente tratado foi produzido depois (ou durante) da estadia deste português na Universidade de Paris, onde se licenciou em Medicina em 1331. Não deixa de ser pertinente constatar-se que depois de regressar a Portugal o mesmo filósofo voltou de novo a Paris, para aí estudar Teologia.

Neste aspecto detecta-se, na experiência de aprendizagem e formação de Afonso Dinis de Portugal um notório paralelismo com o que sucedera

identificados por este Mestre conimbricense contam-se Frei Gonçalo Gomes ou Frei Gonçalo de Portugal - também identificado por Gonçalo Hispano, Frei Gonçalo de Valbom, ou Frei Gonçalo de Balboa y Valcarcel, que terá produzido umas *Quaestiones disputatae et de Quodlibet*, cujo texto beneficiou da edição de L. Amorós, Florença, Quaracchi, 1935; e Alfonso Geraldus de Montemor [Ildefonsus Giraldi de Monte Maiori], (séc. XIV). Sobre este último autor remete-se para a edição do tratado de Frei Álvaro Pais, *Colírio da Fé contra as heresias*, estabelecimento do texto e tradução pelo Dr. Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, 2 vols., 1954-1956, nomeadamente vol. I, p. 138; e para Mário Martins, *Estudos de cultura medieval*, vol. II, Lisboa, 1972, pp. 70-76.

²⁹ Este bispo de Évora do séc. XIV não deve ser confundido com “Alphonsus de Portugal, episcopus Eborensis”, m. 1522, referenciado in *Hislampa, autores latinos peninsulares da Época dos Descobrimientos (1350-1560)*, por M. C. Díaz y Díaz e outros, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/CNCDP, 1993, pp. 38 e 145. A este último ficou a dever-se entre outros um “Tractatus de Numismate (ed. post Tractatus de Indulgentiis) Uliissipone s. a. = Oviedo BU”.

³⁰ Francisco da Gama Caeiro, “Averroísmo em Portugal”. ed. ant. cit., col. 127.

³¹ Solicitámos, para efeitos de estudo, em Novembro de 1989 e por sugestão do Prof. Doutor Francisco da Gama Caeiro, aquela biblioteca inglesa um microfime desta fonte que, quanto a nós, permite situar os primórdios do *averroísmo latino* em Portugal. Seja-nos permitida uma dúvida de carácter interpretativo: poderá acontecer ter este códice português integrado os fundos de D. Fernão de Mascarenhas - Inquisidor do Reino (e docente da Universidades de Coimbra) — que, como judiciosamente estabeleceu, entre outros, o Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, foram abusivamente levados da costa algarvia por um aventureiro inglês malgradadamente conhecido (também) por tal feito e hoje se encontram naquela biblioteca de Oxford? Vide, ainda, Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Lisboa, 1969.

³² Esta interpretação do Prof. Doutor Cruz Pontes foi-nos comunicada também através do Prof. Doutor Mons. Côn. J. Gerales Freire.

anteriormente com Frei Gil de Valadares, O.P. O vouzelense, que primeiro frequentara na cidade do Sena (em começos do século XIII) o curso de Medicina, regressou então a Portugal, voltando pouco depois a outra universidade francesa, c. de 1221, para aí cursar Teologia³³. É caso para dizer ser então prática destes estudiosos formarem-se primeiro nas ciências do corpo e depois nas divinas.

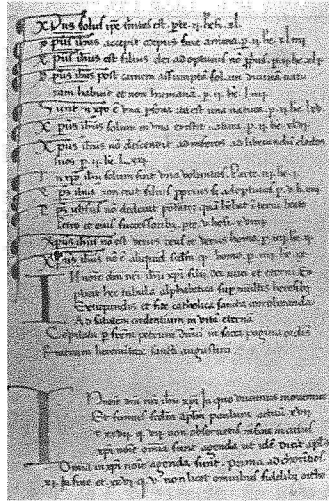
Este é o período em que assumem particular preponderância as doutrinas do bispo de Silves, Frei Álvaro Pais em relação ao pensamento de Averróis. Tal verifica-se, fundamentalmente, no seu tratado *Collyrium fidei adversus haereses*, produzido entre c. 1344 e 1348, constante do códice latino nº 1129, da Biblioteca Apostólica Vaticana³⁴.

É evidente que autores como Frei Álvaro Pais estudaram, com alguma profundidade, os textos de Averróis a partir de códices redigidos em latim. Tal facto não invalida, no entanto, que já desde (pelo menos) o século XIV, circulavam neste recanto da Península alguns dos principais tratados desse filósofo em língua árabe. Uma reminiscência – directa ou indirecta – dessa situação é o texto árabe *Nazm al-fara'id*, existente na Biblioteca da Academia das Ciências (Série Vermelha, códice 522, fols. 103-119 v^o.), identificado como sendo de Ibn Rusd (séc. XI-XII).

³³ Manuel Cadafaz de Matos, “S. Frei Gil, do *scriptorium* universitário de Coimbra e de Paris ao renomado túmulo escalabitano”, in Actas do Colóquio comemorativo de S. Frei Gil de Santarém, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1991, pp. 57-88 (mais dois extractos), em particular p. 65. Remete-se, ainda, para o catálogo *La vie universitaire parisienne au XIIIe siècle*, com prefácio de Roger Mallet (Reitor da Academia), Paris, Chapelle de la Sorbonne, 1974. Vide, ainda, Charles Desmaze, *L'Université de Paris (1200-1875)*, *La Nation de Picardie, Les Collèges de Laon et de Presles, La Loi sur l'Enseignement Supérieur*, Paris, Charpentier et Cie, Libraires-Éditeurs, 1878.

³⁴ Vide n. 28.

Figura 3



Collyrium fidei adversus haereses (Colírio da Fé contra as heresias).

– B.A.V., fólho 8.

Esta obra tem a particularidade de nela serem apresentadas as heresias que Tomás Escoto sustentou no nosso país, algumas das quais provêm do averroísmo.

Não nos detendo sobre considerações de maior profundidade filosófica³⁵, podem ser aí identificadas, na perspectiva de Francisco da Gama Caeiro, heresias de natureza teológica e de natureza filosófica.

Entre as primeiras heresias conta-se a da conhecida fórmula *De Tribus Impostoribus*, ou seja relativa aos enganadores do mundo. Lendo-se atentamente esta obra, o *Colírio...*, Parte V, Heresia 9, Frei Álvaro Pais comenta muito claramente, a afirmação de que “os embusteiros do mundo foram três: Moisés, Cristo e Maomé”³⁶.

Por seu lado na Parte V, Heresia 24, o mesmo bispo explicita o papel de “Tomás Escoto, apóstata da Ordem dos Pregadores Menores, [que] pôs 21 erros gravíssimos contra o Criador do mundo, contra Cristo, contra a Santa Virgem

³⁵ F. da Gama Caeiro, “Averroísmo”, ed. ant. cit., cols. 126-127.

³⁶ *Colírio...*, ed. ant. cit., trad.º por Pinto de Meneses, p. 11.

Maria, contra Moises, contra Agostinho, contra o regime do mundo, contra as ciências aprovadas, contra o fim do mundo... No fim da sua miserável vida, não se quis confessar nem comungar”³⁷.

Quanto às heresias de Escoto de natureza filosófica, elas apontavam, fundamentalmente, para o facto da alma não ser imortal, a eternidade do mundo e dos homens, a superioridade de toda a filosofia sobre a religião e sobre os dogmas. Para este filósofo, na síntese estabelecida por Gama Caeiro, prova-se “melhor a fé pela filosofia do que pelas Decretais Escrituras e Escritura”³⁸ [pretendendo-se, como se viu acima, ser Aristóteles superior a Moisés e ao próprio Cristo].

É caso para nos interrogarmo-nos — como aliás também se questiona, a este respeito, Pinharanda Gomes — se as teses averroístas de Tomás Escoto não são uma resposta de algum frade à corrente anti-averroísta vigente no ocidente europeu na sequência das teorias do franciscano Duns Escoto (c. 1266-1308). É uma realidade bem notória neste período que os códices contendo obras de Duns Escoto (O.F.M.) circulavam com profusão quer pelas universidades já constituídas quer pelos diversos *scriptoria* monástico-conventuais, muito antes de tais tratados passarem a conhecer outras formas de divulgação, nomeadamente através do impresso³⁹.

Conhecedor das teses correntes do seu tempo, nomeadamente as heterodoxas e o seu significado, Tomás Escoto — que na Península Ibérica tem merecido, a investigadores da problemática filosófica medieval, como M. Menéndez Pelayo⁴⁰, Joaquim de Carvalho⁴¹, Mário Martins⁴², Mário Santiago

³⁷ Idem, *ibidem*, pp. 27 e 29.

³⁸ F. da Gama Caeiro, “Averroísmo”, ed. ant. cit., col. 127.

³⁹ Uma das muitas edições com textos de Duns Escoto, referenciado como o Doutor Subtil, que no primeiro quartel do século XVI era de recorrência obrigatória por parte desses alunos de filosofia portugueses e castelhanos, era a intitulada *Disputationes Collationales...*, Lyon, na ofic. dos Giunta, 1520, de que existe um exemplar na Livraria Humanística (Lisboa). Sobre este filósofo e a sua relação com a filosofia árabe, vide E. Gilson, “Avicenne est le point de départ de Duns Scot”, in *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge*, t. I, 1927, pp.89-150. Uma síntese do pensamento místico de Duns Escoto pode ler-se no sub-capítulo X.II, “La Philosophie critique e mystique de Duns Scot”, in *La fin du Moyen Âge, La désagrégation du monde médiéval (1285-1453)*, por Henri Pirenne, Augustin Renaudet, Édouard Perroy, Marcel Handelsman, Louis Halphen, Paris, Librairies Félix Alcan, col. “Peuples et Civilisations”-VII, 1931, pp. 253-256.

⁴⁰ M. Menéndez Pelayo, *Historia de los Heterodoxos Españoles*, (Madrid, 1918), vol. II, Madrid, 1947, pp. 313-314.

⁴¹ Joaquim de Carvalho, “Desenvolvimento da filosofia em Portugal durante a Idade Média”, (Cádiz, 1927), in *Obra Completa*, I, ed. ant. cit., (1978), pp. 337-365, em particular p. 342.

⁴² Mário Martins, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. VII, 1952, pp. 29-49.

de Carvalho⁴³, J. M. da Cruz Pontes⁴⁴, ou Paulo Durão⁴⁵ criteriosos estudos — deve ser considerado, em suma, um autor controverso que não poderia deixar Frei Álvaro Pais indiferente.

Já do período de transição dos sécs. XIV-XV é a obra anónima portuguesa, *Côrte imperial*. Este códice da Biblioteca Pública Municipal do Porto — que outrora pertenceu à biblioteca do Rei D. Duarte — foi estudado e publicado por J. M. da Cruz Pontes⁴⁶.

Esta obra, como facilmente se verifica, não é isenta de uma motivação polémica. Ela apresenta um entrecho filosófico que permite aquilatar, em certos passos, uma posição anti-averroísta por parte do seu desconhecido autor.

5. Os primeiros humanistas portugueses em Itália e os círculos averroístas de Pádua e de Veneza.

Alguns pensadores como Afonso Dinis de Portugal terão tomado contacto, como vimos atrás, com as correntes (anti-)averroístas em Paris na primeira metade do século XIV. Já durante a segunda metade do século XV - e dada a procura (por parte também de intelectuais portugueses) das novas luzes do Renascimento que despontavam nas regiões transalpinas - alguns dos nossos estudiosos rumaram em direcção aos estados que vieram a constituir a Itália e aí tomaram contacto directo com correntes averroístas e anti-averroístas.

Estas formas de contacto com os textos do Estagirita em terras além dos Alpes, por via dos comentários de Averróis, não são hoje uma matéria de análise pacífica e consensual. Joaquim Cerqueira Gonçalves — pronunciando-se sobre a aproximação de Gomes de Lisboa à problemática teórica do (anti-) averroísmo — afirma categoricamente não ser suficiente saber-se que Gomes de Lisboa⁴⁷

⁴³ Mário Santiago de Carvalho, “O Doutor Tomás Escoto”, in *Humanística e Teologia*, 1990, fasc. 2, pp. 194-196.

⁴⁴ J. M. da Cruz Pontes, *Filosofia portuguesa dos séculos XIII, XIV e XV*, p. 147, onde se admite que Álvaro Pais deve ter perfilhado a corrente aristotélico-averroísta.

⁴⁵ Paulo Durão, “Thomas Scotus, Aristotelicus qui s. XIV, Olysiptone vixit”, in *Miscellanea Mediaevalia*, 1963.

⁴⁶ J. M. da Cruz Pontes, *Estudo para uma edição crítica do livro da Corte Enperial*, Universidade de Coimbra, 1957 (tendo já sido anteriormente objecto de uma edição, por parte do Director daquela Biblioteca, José Pereira de Sampaio Bruno, na “Colleção de manuscriptos Ineditos agora dados à estampa, I”: *O Livro da Corte Imperial*, Porto, 1910).

⁴⁷ Sobre Gomes de Lisboa remetemos sobretudo para o estudo de Joaquim de Carvalho, “Gomes de Lisboa e o averroísta Nicoletto Vernia”, in *Estudos sobre as cultura portuguesa do*

frequentou centros universitários transalpinos nos fins do período de quatrocentos e início dos de quinhentos ou que “era um antiaverroísta, designação lacónica que a nada conduz, dada a ignorância das polifacetadas tendências do averroísmo e de seus respectivos contendores”⁴⁸.

Também não é a sua condição de cristão e de teólogo, precisa o mesmo investigador, que se pode considerar “argumento decisivo, pois, não raro, os mesmos cristãos se repeliam em nome da fé, imputando heresias de carácter averroísta a quem se julgava ser o lídimo defensor do Evangelho”⁴⁹.

Não restam hoje dúvidas que Gomes de Lisboa esteve em estreito contacto – embora não sendo o único português nesse período em tais circunstâncias – com os centros de produção filosófica aristotélico-averroísta. O seu tratado *Quaestio perutilis...* afigura-se, no entanto, como aquele que, nesse período, mais torna marcante essa proximidade.

É evidente que a produção, por parte de Frei Gomes de Lisboa, deste seu tratado, assenta ainda, de algum modo, em toda a estrutura do conhecimento do aristotelismo medieval, nalguns dos principais *scriptoria* que frequentou (não se desconhecendo, nomeadamente, a influência que S. Tomás e Duns Escoto haviam tido). Os tratados filosóficos do Estagirita, passíveis de tantas cópias, não deixavam, apesar de tudo, de distorcer parte do pensamento mais purista do filósofo grego. Considerando o caso dos códices de Averróis – e que alguns dos seus tratados tinham chegado à língua latina já depois de terem sido vertidos para o hebraico, como língua intermédia – também o purismo inicial de alguns dos seus ensinamentos se perdeu ou foi distorcido.

século XV, vol. I, Acta Universitates Conimbricensis, 1949; nova ed., in *Obra Completa*, vol. II, ed. ant. cit., pp. 213-222. Importa precisar, a este mesmo respeito, que Pinharanda Gomes, no estudo ant. cit., considera que o franciscano Gomes de Lisboa se afirmou essencialmente como “adversário da epistemologia averroísta”, ainda em Itália (p. 45-46).

⁴⁸ Joaquim Cerqueira Gonçalves, na introdução à edição da obra de Frei Gomes de Lisboa, *Questão muito útil sobre o objecto de qualquer ciência, e principalmente da Filosofia Natural (Quaestio perutilis de cuiuscumque scientiae subiecto, principaliter tamen Naturalis Philosophiae)*, estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1964, p. 8.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, pp. 8-9.

6. Para uma heurística do livro como suporte material (do período do *manuscrito* ao do impresso)

No âmbito da história do livro importa especificar que a produção filosófica de Averróis decorreu num plano de instabilidade temporal, designadamente ao nível das condições da vida política da sociedade do seu tempo e das funções por ele exercidas.

A actividade da escrita neste filósofo importa ser matriciada nas acentuadas condições de errância que caracterizaram a sua vida, em particular através de quatro polos fundamentais: Córdoba, Sevilha, Marraqueche e Lucena. Cada um desses quatro pontos – embora necessariamente uns mais do que outros – encontram-se associados à produção de alguns dos tratados do filósofo.

Na impossibilidade de detectarmos códices autógrafos do pensador, torna-se fácil concluir – ao historiador do livro que pretenda entrar numa análise mais substancial à forma de transmissão dos escritos de Averróis no período que medeia entre os séculos XIII e XV – que tal produção, num contexto islâmico, por um lado; e num contexto latino por outro, não difere muito das concepções de produção e conservação de fontes congéneres em regiões culturais da Europa cristã.



Desenho medieval representando Averróis como estudioso de um texto em caracteres latinos

Os seus tratados foram produzidos no silêncio e no recato de um *scriptorium* – com recurso por parte do filósofo a outros tratados em códice devidamente arrumados e nalguns casos, decerto, catalogados por matérias. Entre estes assumiriam particular relevo e importância para este estudioso medieval os códices de Aristóteles, no âmbito das suas pesquisas filosóficas; e os códices de Galeno, no que respeita às suas pesquisas médicas.

Não existem muitos dados disponíveis que permitam reconstituir a(s) biblioteca(s) de Averróis e da qual se terá servido na preparação dos seus tratados. É provável que ela fosse de particular dimensão na sua Córdoba natal. Miguel Cruz Hernández está de acordo com esta perspectiva ao explicitar que quando Averróis desempenhou as funções de *cádi* em Sevilha, “realizou frequentes viagens a Córdoba onde tinha a sua biblioteca de trabalho...”⁵⁰.

Escrevendo Averróis em língua árabe, a sua produção teórica – dado o óbvio reconhecimento da importância dos seus ensinamentos – desde muito cedo passou a ser vertida para a língua hebraica e para a língua latina.

Num plano da semiologia da escrita apenas, para os olhos de um ocidental os códigos utilizados pelo filósofo se apresentam de uma forma exterior *diferenciada*. Tal não invalida, no entanto, a existência – nesse contexto islâmico medieval – de formas de cripto-escrita não facilmente detectáveis pelo leitor comum⁵¹.

Ainda ao nível do modo da conservação da escrita que se manteve no ocidente latino entre os séculos XIII e XV, os textos de Averróis que aqui identificámos – com particular interesse para a cultura portuguesa – torna-se fundamental, assim, olhar o modo como se terão porventura alterado as concepções de produção do códice. Essas alterações poderão ter sido uma realidade, de códice para códice, em termos de conservação e salvaguarda desses escritos, como também terão sido ditadas por conceitos culturais de produção de escrita (que no Islão e no Cristianismo não são coincidentes em todos os pontos).

O investigador de história do livro que pretenda aprofundar questões desta natureza terá de analisar, assim, códices como o que contém os referidos textos de Siger de Brabante (BNL, 2299); ou do *Collyrium fidei adversus*

⁵⁰ Miguel Cruz Hernández, *Historia del pensamiento...*, ed. ant. cit. (1996), vol. II, p. 507.

⁵¹ Mais tarde, após ser posto em prática entre os árabes o invento da tipografia, talvez que também as indicações (dos autores) aos compositores se caracterizassem ainda por signos de uma *cripto-escrita sui generis*..

haereses (da B.A.V., também com referências indirectas ao averroísmo); ou, ainda, o da versão *De separatione primi principii*, por Frei Afonso Dinis de Portugal, da Bodleiana (Digby, 236).

O estudo dessas formas de suporte material medievais com textos de Averróis de interesse para Portugal ganhará ainda maior significado se for extensivo a outros códices existentes na Europa, particularmente em Itália, desse mesmo período. Aí o investigador não poderá descurar o trabalho pioneiro já desenvolvido na segunda metade dos anos cinquenta por investigadores como Georgio E. Ferrari e Lia Sbriziolo⁵².

Outra vertente a não descurar pelos investigadores que se debruçam sobre tais códices é a da representação icónica – num plano da iluminura (e preferencialmente por via das letras capitulares) – do próprio autor, numa perspectiva de distanciamento temporal, já se vê⁵³.

7. Alterações das condições de circulação dos textos (nomeadamente os de filosofia), com o advento do impresso.

Entretanto com a ampla aceitação europeia do invento da tipografia, na segunda metade do séc. XV, os textos passaram a conhecer, natural e necessariamente, novas condições de circulação.

O estudo da corrente do averroísmo, por parte de investigadores portugueses - quer situados em solo nacional quer fora dele (com particular realce para as universidades de Paris, Pádua e Veneza) - ganhou, já se vê, uma ênfase

⁵² Georgio E. Ferrari e Lia Sbriziolo, *Manoscritti e Stampe Venete dell'Aristotelismo e Averroismo (Secoli X-XVI)*, catálogo de exposição, Veneza, Biblioteca Nacional Marciana, 1958. Agradecemos à direcção daquela biblioteca ter-nos cedido (mesmo apesar de tecnicamente já estar esgotado, desde há anos, este catálogo) um exemplar do mesmo. Remete-se, ainda, para alguns dos estudos apresentados nas Actas do *Convegno internazionale L'averroismo in Italia*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1979.

⁵³ Em estudo anterior, “Giovanni Pico... o averroísmo”, já pusemos parcialmente em relevo estas formas de representação icónica de Averróis, ao publicarmos aí (in p. 269) uma miniatura do filósofo árabe, num códice medieval existente na Biblioteca Malatestiana, em Itália. Miguel Cruz Hernández, por seu lado, in *op. cit.*, vol. II, p.504, n. 2, torna extensiva essa perspectiva à própria pintura, em particular a frescos produzidos em Itália no começo do Renascimento, com motivos que remetem ainda para o imaginário medieval. É o caso de um “famoso fresco de Santa Maria Novella de Florença, que plasticamente canta a glória de S. Tomás”, em que “este fulmina com um raio o sábio islâmico situado a seus pés”; ou ainda do fresco vulgarmente referenciado sob a designação de *A Apoteose de S. Tomás de Aquino*, de c. de 1365, existente na Igreja de Sta. Catarina, em Pisa. Nesta última pintura - mais antiga que a anterior - atribuída a Francesco Traini, apresentam-se Aristóteles e Platão ladeando S. Tomás e, por baixo deste, a figura de Averróis.



A Apoteose de S. Tomás de Aquino, quadro de c. 1365, na igreja de Santa Catarina em Pisa. A pintura, formalmente atribuída a Francesco Traini, apresenta Aristóteles e Platão ladeando S. Tomás, vendo-se, sob os pés do santo, numa postura de semi-deitado, a figura de Averróis

muito especial através dos estados que vieram a constituir a Itália. Aí, na introdução da arte tipográfica, viera desempenhar um papel de assinalável relevo o cardeal Bessarione.

Assim, para melhor se aquilatar da circulação em Portugal — ainda no século XV — das primeiras obras impressas (incunábulo) com textos de Averróis, terá de se aceitar a premissa que tais produções tipográficas primaciais se situaram, fundamentalmente, em cidades como Pádua e Veneza, onde quer a implementação do averroísmo, quer a rejeição aos ensinamentos de Averróis ganhou então uma notoriedade mais substancial.

O estudo das mais antigas obras impressas⁵⁴ de Averróis que chegaram à Península Ibérica — ou seja, da respectiva circulação, leitura e paráfrases — só poderá hoje ser feito, deste modo, através de um primeiro esforço (que aqui se desenvolve) no sentido de se conhecerem quais foram esses incunábulo. Embora o método não seja, reconhecidamente, infalível em todas as suas vertentes, houve que se estabelecer aqui um processo de levantamento das espécies bibliográficas com textos de Averróis conhecidas em algumas das principais bibliotecas de Portugal e Espanha.

Tal levantamento desenvolveu-se por via dos catálogos de incunábulo, da especialidade. Estes são os produzidos e publicados, por equipas coordenadas em Portugal e Espanha respectivamente por Maria Valentina Sul Mendes⁵⁵ e Francisco Craviotto⁵⁶.

É possível estabelecer-se, como um estado de ciência, que até ao momento detectámos já sete incunábulo, existentes em bibliotecas portuguesas, onde se apresentam (total ou parcialmente) impressos textos de Averróis. - Vide Documento I.

⁵⁴ Para o estudo do envio dos primeiros incunábulo italianos de Itália para Portugal, remete-se para Manuel Cadafaz de Matos, “Incunábulo italianos em Portugal no reinado de D. João II. Para um estudo das tipologias das marcas de posse”, in *Amar, Sentir e Viver a História, Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Lisboa, Edições Colibri, 1995, vol. II, pp. 811-835. Nesta acção assumiu um papel preponderante — conforme aí se documenta (na sequência de estudos da responsabilidade do cônego Prof. Doutor Avelino de Jesus da Costa) — o Cardeal D. Jorge da Costa.

⁵⁵ Maria Valentina Sul Mendes, *Os incunábulo das Bibliotecas Portuguesas*, 2 vols.: *Volume I - Catálogo, 1996; Volume II - Índices, 1996*.

⁵⁶ Francisco García Craviotto, *Catálogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, Madrid, Ministerio de Cultura, Dirección General del Libro y Bibliotecas, vol. I, 1988; vol. II, 1990.

Por seu lado, em relação a bibliotecas de Espanha já pudemos observar a existência de, pelo menos, doze incunábulos. - Vide Documento II.

É evidente que, nalguns casos, se trata de uma e mesma obra, apenas em edições ocorridas em oficinas diferentes.

No que respeita aos impressores dessas espécies bibliográficas incunabulares transalpinas, em particular nas existentes em bibliotecas públicas de Portugal, elas saíram dos prelos de Andreas Torresanus e de Blavi; Bernardino Stagnino; Ottino di Luna; Bonetus Locatellus; Aldus Manuzius; ou Gregorius de Gregoriis, todos estabelecidos em Veneza.

Em relação aos impressores das espécies incunabulares existentes em bibliotecas públicas de Espanha, elas foram oriundas das oficinas de Philippus Petri; Andreas Torresanus e Bartholomaeus de Blavis; Bonetus Locatellus; Bernardinus Stagninus; Johannes e Gregorius de Gregoriis; ou Aldus Manuzius, todos de Veneza.

Detectaram-se, ainda, dois incunábulos impressos fora dessa cidade, em que foram impressores Laurentius Canozius, em Pádua; e Benedictus Hectoris, em Bolonha.

Poderíamos, ainda, pôr em evidência alguns dos principais comentadores/editores destes mesmos textos de Averróis então impressos. Foi o caso de Hieronymus Surianus (PORT.-01); Augustinus Niphus (PORT.-02); Armen-gaudus de Montepessulano (PORT.-03); Helias Hebraeus (PORT.-04); Nicolau Vernia (PORT. - 05); ou Leonardus Brunus (PORT.-06).

Em relação ao comentadores dos textos de Averróis presentes em espécies bibliográficas incunabulares existentes em bibliotecas espanholas apontam-se os seguintes: Hermanno Alemanno (ESP.-03); Augustini Niphi (ESP.-04); ou Helia Cretensi (ESP.-05 e 06).

Como neste período alguns dos responsáveis pelas tipografias eram também verdadeiramente humanistas — veja-se o que sucedeu com Aldo Manuzio — não será de afastar a hipótese de alguns dos textos de Averróis então publicados nessas cidades terem sido inclusivamente comentados por alguns desses *oficiais* tipográficos.

DOCUMENTOS

I

ESPÉCIES BIBLIOGRÁFICAS IMPRESSAS COM TEXTOS DE
AVERRÓIS⁵⁷
EM BIBLIOTECAS PORTUGUESAS(01) AVERRÓIS
ed.^o. Veneza, 1496*Colliget*⁵⁸

Vide:

AVENZHOAR, 1072/73 - 1162,

Liber Teisir sive Rectificatio medicationis et regiminis; Antidotarium, Avenzhoar: (trad. lat.) Paravicinus. *Colliget Averróis*⁵⁹;

(ed.) Hieronymus Surianus.

Trad. lat. a partir da versão em hebraico (segundo M. Valentina Mendes, 1996), de Jacobus Hebraeus.

Veneza: Ottino di Luna, 23 de Dezembro de 1496.

104 fls. 2.^o.**Elenco(s):**HC 2188; GW 3105; Pell 1654; IGI 1105; Goff A-1410. N. Azevedo 44.
BPMP (Porto) 44.**BIBLIOG^a.**:Narciso de Azevedo, *Catálogo dos Incunábulo da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, vol. I, pp. 91-93.

⁵⁷ Para efeitos de inserção de cada uma das obras constantes do presente documento I e do documento II na classificação do *corpus* estabelecido por Miguel Cruz Hernández (MCH), ou seja, da respectiva bibliografia de Averróis - *corpus* esse, em oito pontos, por nós apresentado atrás in cap. 2 deste nosso trabalho - apresentamos aqui a sigla (MCH-BA/secção.n.^o.) para cada um dos trabalhos em análise.

⁵⁸ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 3).

⁵⁹ Narciso de Azevedo, in *op. cit.*, p. 91, refere que o *Colliget* (corrupção latina de Cullyyat) é a mais notável obra de Medicina de Averróis, discípulo de Avenzhoar (fal. em 1161-1162).

(02) AVERRÓIS**ed.^o. Veneza, 1497***(Comentário) Destructiones destructionum philosophi Algazelis*⁶⁰.

Vide:

Augustinus Niphus (coment.)

Destructiones destructionum philosophi Algazelis

Veneza: Bonetus Locatellus para Octavianus Scotus, Kal. Mart. (1 de Março de) 1497.

In fl. 2r., assin^a. a2, col. 1,1,1: Destructiones destructionum Averroys cõ-/tra Algazelem.

(1) 129 fls.

Elenco:

N. Azevedo, 45.

BPMP (Porto) 45.

BIBLIOG^a.:Narciso de Azevedo, *Catálogo dos Incunábulos*, vol. I, pp. 91-93.**(03) AVERRÓIS****ed.^o. Veneza, 1484***Commentaria* [Comentários de temática médica]⁶¹.

Vide:

AVICENA - *Cantica de medicina* [trad. lat.] Armengaudus de Montepessulano; [comment.] Averroes.

Veneza: Andrea Socci, 25 de Setembro de 1484.

[34] fls.; 2^o.**Elenco(s):**

HC 2288; GW 3129; IGI 1129; Goff A-1430; BMC V 398 (IC 22584).

M. Valentina Mendes (1995), 203.

UCME (Coimbra) 15A-6-7-4 (com falta da folha de rosto).

BIBLIOG^a.:M. Valentina Mendes, *Os Incunábulos das Bibliotecas Portuguesas*, Vol. I Catálogo, p. 97.⁶⁰ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1 n.º. 23).⁶¹ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 2 n.º. 47).

(04) AVERRÓIS**ed^o. Veneza, 1497***Quaestio in Analytica priora Aristotelis*⁶²,

Vide:

MAIOLUS, Laurentius, ? -1501,

Epiphyllides in dialecticis..., (trad. lat.) Helias Hebraeus.Veneza: Aldo Manuzio, Julho de 1497.- (158) fls., in 4^o.**Elenco(s):**

HC 2191; Pell 7484 (7399); IGI 6034; Goff M-83; BMC V 557 (IA 24443). A Renouard (1834, 21991), 1497-n.8, M. Valentina Mendes (1988), 815; J. V. Pina Martins (1994), 4.

BNL (Lisboa) INC. 1267-1269 (Pert. “Mosteiro de Nossa Senhora de Belém”);

BNL (Lisboa) INC. 1270-1272 (falta o cad^o. a4).

BIBLIOG^a.:

A Renouard, *Annales de l’Imprimerie des Alde...*, p. 14.

M. Valentina Mendes, *Catálogo de Incunábulos* [BNL], p. 236.

José V. de Pina Martins, cat^o. *Edições Aldinas da Biblioteca Nacional, séculos XV-XVI*, Lisboa, 1994, p. 36

(05) AVERRÓIS**ed^o. Veneza, 1483***De Substantia Orbis*⁶³

Vide:

Aristoteles (Opera) I (trad. lat.); (coment.) Averróis; (ed.) Nicoletus Vernia.

Veneza: Andrea Torresani e Bartolomeo dei Blavi, 1 de Fevereiro de 1483; 2 de Outubro de 1483; 27 de Maio - 25 de Setembro de 1483; 12 de Setembro - 8 de Outubro de 1483; 25 de Outubro de 1483; 3 de Fevereiro de 1483.

3 partes. 2^o.

⁶² Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nos. 1.4; 1.5; 6.3; 6.4; 15; 25; 26; 29; 34; 35).

⁶³ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, n^o. 24).

Elenco(s):

HC 1660; GW 2337; Pell 1178; IGI 794; Goff A-962. M. Valentina Mendes (1988), 126.

BNL (Lisboa) INC. 701-705. [falta a parte I-2; faltam as fls. com a assinatura q10 e o caderno (1, 2, 3, 4) 8].

Pert. “Mosteiro da Santissima Trindade, de Lisboa”.

BIBLIOG^a:

M. Valentina Mendes, *Catálogo de Incunábulos* [BNL], p. 58.

(06) AVERRÓIS**ed^a. Veneza, 1489***De Substantia Orbis*⁶⁴

Vide:

Aristoteles (Opera) / (trad. lat.); (coment.) Averróis; (adc. Leonardus Brunus Aretinus).

Veneza: Bernardino Stagnino (também referenciado por Narciso de Azevedo e outros como Bernardinus de Tridino de Monteferrato), 15 de Fevereiro de 1489; 31 de Janeiro de 1489; 16 de Fevereiro de 1489; 10 de Março de 1489; 13 de Abril de 1489; 15 de Maio de 1489; 31 de Maio de 1489; 29 de Julho de 1489; 15 de Julho de 1489; 23 de Junho de 1489; 5 de Setembro de 1489.

5 partes. ilustr^o.

Elenco(s):

HC 1661; GW 2339; Pell 1179; IGI 795; Goff A-964; BMC V 365 (IC 22131). M. Valentina Mendes (1988), 127.

BNL (Lisboa) INC. 790 (faltam as partes I e II; a fl. com a assinatura nnn4 da parte V mut.)

Pert.: “Convento de São João Evangelista, de Lisboa (Fr. Francisco de S. João). Livraria do Convento de São Bento, de Xabregas”.

BIBLIOG^a:

M. Valentina Mendes, *Catálogo de Incunábulos* [BNL], pp. 58-59.

⁶⁴ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 2, nº. 24). Este incunábulo é o mesmo que o descrito no Domento II, esp. 09.

(07) AVERRÓIS**ed^o. Veneza, 1499**

(Comentário) *Expositio super octo libros Physicorum Aristotelis et super commento Averrois*⁶⁵.

Vide:

PAULUS VENETUS (Paolo Nicoletti), c. 1372-1429.

Expositio super octo libros Physicorum Aristotelis et super commento Averrois.

Veneza: Gregorius de Gregoriis, 23 de Abril de 1499.

(398 fls.). 2^o.

Elenco(s):

H 12517; Polain 3016; IGI 7339; Goff P-217. M. Valentina Mendes (1988), 968. J. V. Pina Martins/J. C. Velloso (1992), 72.

BNL (Lisboa) INC 1067 [falta a última fl. (branca)].

ACL RES. 7.1.

BIBLIOG^a.:

M. Valentina Mendes, *Catálogo de Incunábulo*s [BNL], pp. 275-276.

José V. de Pina Martins / Júlio Caio Velloso, *Livros Quatrocentistas da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 1992, pp. 114-115.

⁶⁵ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nos. 2.1; 7; 16).

II
ESPÉCIES BIBLIOGRÁFICAS IMPRESSAS COM TEXTOS DE
AVERRÓIS
EM BIBLIOTECAS ESPANHOLAS

(01) AVERRÓIS
ed^o. Veneza, 1490-1491

Colliget, sive De medicina (lat.)⁶⁶.

Vide:

AVENZOAR. *Liber Theizir de morbis omnibus et eorundem remediis. Antidotarum*. Veneza: Johannes e Gregorius de Gregoriis. 4 de Janeiro, 1490-1491. - Fólio.

Elenco(s):

H. 2186; Pell 1652; GW.Acc. 3103; Pol.438; BMC V 341; IGI 1103(+Supl.1972); Goff A-1408; IBP. 700; IDL.591. F. G. Craviotto, 652.

Barcelona BU (f. Averroes); Madrid *Biblioteca do Palácio Real*; Tarazona B. Cap.

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 104.

(02) AVERRÓIS
ed^o. Veneza, 1486

Colliget, sive De medicina (lat.)⁶⁷.

Vide:

AVENZOAR. *Liber Theizir de morbis omnibus et eorundem remediis. Antidotarum*.

Veneza: Bonetus Locatellus; impens. Octaviani Scoti. 31 de Maio, 1486. - Fólio.

Elenco(s):

H.C. 2187; Pell 1653; GW. 3104; Pol.438; BMC V 446; IGI 1104(+Supl.); Goff A-1409; IBP. 701; CIH.435; IDL.592. F. G. Craviotto, 653.

⁶⁶ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 3).

⁶⁷ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 2).

Barcelona *RA Med.*; *Escorial Real Mosteiro*.

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 104.

(03) AVERRÓIS

ed^o. Veneza, 1481

Commentaria super Poeticam Aristotelis (lat.), Hermanno Alemanno interprete⁶⁸.

Vide:

ARISTOTELES. *Rhetorica (lat.)*, Gulielmo de Morbeca interprete, *praemissa compendiosa Alfarabii declaratione*.

Veneza: Philippus Petri, 22 de Junho, 1481. - Fólio.

Elenco(s):

H.C.1681=H.821; Pell.512; GW.2478; BMC V 222; IGI.852(+*Supl.*); Goff A-1046; IBP.521. F. G. Craviotto, 570.

Escorial Real Mosteiro; Madrid *BN*; Valladolid *Agostinhos*.

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 91.

AVERRÓIS

De concordia inter Aristotelem et Galenum(lat.). [contendo três outros textos do mesmo pensador], inserida na colectânea com o título: *De venenis...*

- Vide (12) AVERRÓIS.

(04) AVERRÓIS

ed^o. Veneza, 1497

Destructiones destructionum (lat.), cum Augustini Niphi expositione⁶⁹.

⁶⁸ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, n^o. 1.9; 6.8).

⁶⁹ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, n^o. 23).

Vide:

AUGUSTINUS NIPHUS: *De sensu agente*.

Veneza.: Bonetus Locatellus; impens. Octaviani Scoti. 1 de Março de 1497. - Fólio.

Elenco(s):

H.C.2190(I); GW.3106; Pol.439; IGI.1106(+Supl.); Goff A-1412; IBP.703; CIH.437.

F. G. Craviotto, 655.

Barcelona BU. Burgos BP. Madrid BU. Palma BP. Valencia BU (inc.)

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 105.

AVERRÓIS

De generatione sanguinis (lat.). [contendo três outros textos do mesmo pensador], inserida na colectânea com o título: *De venenis...* - Vide (12) **AVERRÓIS**.

(05) AVERRÓIS

ed^o. Veneza, 1488

In Meteorologica Aristotelis (lat), *ex hebraico ab Helia Cretensi translatum*. *TRACTATUS* cui inscribitur littera "L", seu *Lauda ex libro medicinae*⁷⁰.

Veneza: Andreas Torresanus. 21 de Agosto, 1488. - Fólio.

Elenco(s):

H.1695; GW.3108; IGI.1108(+Supl.); Goff A-1413; CIH.438.F. G. Craviotto, 656.

Escorial Real Mosteiro. León S. Isidoro. Sevilla B.Cap(Colombina).

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 105.

⁷⁰ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, n^o. 2.4).

(06) AVERRÓIS**ed^o. Veneza, 1497***Quaestio in Analytica priora Aristotelis (lat.), per Heliam Cretensem*⁷¹.

Vide:

MAIOLUS, Laurentius, *Epiphyllides in dialecticis. De conversione propositionum secundum peripateticos.* (lat.) 3720.Veneza: Aldus [Manutius] Romanus, Julho, 1497. - 4^o.**Elenco(s):**

HC.2191; BMC V 557; IGI.6034, IBP. 3523. F. G. Craviotto, 3720.

Sevilha *B. Cap.*, (Colombina) (f. Maiolus).**BIBLIOG^a.:**Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 591.**(07) AVERRÓIS****ed^o. Veneza, 1482***De substantia orbis (lat.)*⁷².

Vide:

ARISTOTELES *Opera Physica. De caelo et mundo. De generatione et corruptione. Meteorologica. De anima. De motu animalium. De sensu et sensibili. De memoria et reminiscencia. De somno et vigilia. De bona fortuna...*
PSEUDO-ARISTOTELES: *De plantis. De coloribus. De intelligentia...* (lat.).

Veneza: Philippus Petri, 4 de Abril, 1482. - Fólio.

Elenco(s):

H.1682; Pell.1194; GW.Acc.2336; IGI.792(+Supl.); GoffA-961(+Supl.); IBP.497. F. G. Craviotto, 518.

Barcelona *BPFC*; Madrid *BN*; Segovia *A. Cap.*; Sevilha *B. Cap.*; Zaragoza *B. Cap. BU*.**BIBLIOG^a.:**Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 82.

⁷¹ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nos. 1.4; 1.5; 6.3; 6.4; 15; 25; 26; 29; 34; 35).

⁷² Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, n^o. 24).

(08) AVERRÓIS**ed.^o. Veneza, 1483 [-1484(?)]***De substantia orbis* (lat.)⁷³.

Vide:

ARISTOTELES *Opera cum commento Averrois (Organon; Physica* (I). *De caelo et mundo. De generatione et corruptione. De anima. De sensu et sensibili. De memoria et reminiscencia. De somno et vigilia. De longitudine et brevitate vitae...* (III) AVERROIS: *De substantia orbis* (lat.).

Veneza: Andreas [Torresanus], de Asula e Bartholomaeus de Blavis., 1483 (25 de Outubro, 3 de Fevereiro [1484?]) - Fólio.

Elenco(s):

H.1660; Pell.1178; GW.2337; IGL.794(+Supl.); Goff A-962; IBP.468; CIH.283; IDL.404. F. G. Craviotto, 522.

Barcelona *A. Cap (I-II inc., III)*; Burgos *BP (III 2)*; Madrid *BU*; Montserrat *Most.^o (III 2)*; Valladolid *BU*.

BIBLIOG^a.

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 83.

(09) AVERRÓIS**ed.^o. Veneza, 1489***De substantia orbis* (lat.)⁷⁴.

Vide:

ARISTOTELES *Opera cum commento Averrois (Physica* (I). *De caelo et mundo. De generatione et corruptione. De anima. De sensu et sensibili. De memoria et reminiscencia. De somno et vigilia. De longitudine et brevitate vitae...*

(V) AVERROIS: *De substantia orbis* (lat.).

Veneza: Bernardinus Stagninus, 1489... (V) 23 de Junho, 5 de Setembro. - Fólio.

⁷³ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nº. 24).

⁷⁴ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nº. 24). Esta é a mesma espécie bibliográfica incunabular que a constante a constante do DOC. I - 06.

Elenco(s):

H.1661; Pell.1179; GW.2339; BMC. V 365; IGI.Cion.795(+*Supl.*); Goff A-964(+*Supl.*1972); IBP.470; CIH.285. F. G. Craviotto, 523.

Madrid *RAH(IV-Vinc)*, *BN*; Sevilha *B.Cap*; Tarazona *B.Cap*; Valencia *BU*.

BIBLIOG^a.

Francisco García Craviotto, *Catálogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 83.

(10) AVERRÓIS

ed^o. Veneza, 1495-1496

De substantia orbis (lat.)⁷⁵.

Vide:

ARISTOTELES *Opera cum commento Averrois (Physica. De caelo et mundo. De generatione et corruptione. De anima. De sensu et sensibili. De memoria et reminiscencia. De somno et vigilia. De longitudine et brevitate vitae. Meteorologia (I).. (II) AVERROIS: De substantia orbis ...* (lat.).

Veneza: [Johannes e Gregorius de Gregoriis], *impens.* Octaviani Scoti. 1495-1496 (II) 26 de Abril, 1496. - Fólio.

Elenco(s):

HC.1741=1762=2190(II); Pell.1193; GW.Acc.2340; Pol.4159(II); BMC. V 348; IGI.796(+*Supl.*); Goff A-965; IBP.471; CIH.286. F. G. Craviotto, 524.

Barcelona *BPFC(II inc.)*, *BU(I-II inc.)*; Burgos *BP(I)*; Cádiz *BP*; Madrid *BN(I)*; *B. Palácio Real(ii)*, *BU*; Tarragona *BP(I)*; Valencia *BU(I inc.)*; Zaragoza *B.Cap(I inc.)*.

BIBLIOG^a.

Francisco García Craviotto, *Catálogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, pp. 83-84.

⁷⁵ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nº. 24).

(11) AVERRÓIS
ed^o. Pádua, c. 1474

De substantia orbis (lat.)⁷⁶.

Vide:

ARISTOTELES. *Parva naturalia, cum commentariis Averrois*.

AVERROIS: *De substantia orbis* (lat.)

Pádua: Larentius Canozius, c. 1474. - Fólio.

Elenco(s):

H.C.R.1716; Pell.1213; GW.2427; IGI.835(+*Supl.*); Goff A-1016. F. G. Craviotto, 556.

Madrid *BN*.

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 89.

AVERRÓIS

De theriaca (lat.) [contendo três outros textos do mesmo pensador], inserida na colectânea com o título: *De venenis...* - Vide **(12) AVERRÓIS**.

(12) AVERRÓIS
ed^o. Bolonha, c. 1497-1500

De venenis. De theriaca. De concordia inter Aristotelem et Galenum. De generatione sanguinis. / PSEUDO-HIPÓCRATES: Prognosticorum liber intitulatus Liber secre-torum. (lat.)⁷⁷.

[Bolonha: Benedictus Hectoris, c.1497-1500]. - Fólio.

Elenco(s):

H.2193; Pell.1656; GW.3109; IGI.1109; IBP.704; IDL.594. F. G. Craviotto, 657.

Sevilla *B. Cap(Colombina)*.

BIBLIOG^a.:

Francisco García Craviotto, *Catalogo General de Incunables en Bibliotecas Españolas*, t. I, p. 105.

⁷⁶ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 1, nº. 24).

⁷⁷ Classificação no *corpus* de Averróis: (MCH-BA/secção 3).

III

QUADRO CRONOLÓGICO DE EDIÇÕES DE
TEXTOS DE AVERRÓIS
IMPRESSOS EM ITÁLIA NO SÉCULO XV
EXISTENTES EM BIBLIOTECAS DE PORTUGAL
(E RESPECTIVOS NOMES DE IMPRESSORES)

Ano	Cidades (e n.º de edição)	Impressores
1483	Veneza 5	Andreas Torresanus e Bartholomaeus de Blavis
1484	3	Andrea Socci
1489	6	Bernardinus Stagninus
1496	1	Ottino di Luna
1497	2	Bonetus Locatellus para Octavianus Soctus
1497	4	Aldus Manuzius
1499	7	Gregorius de Gregoriis

IV

**QUADRO CRONOLÓGICO DE EDIÇÕES
DE TEXTOS DE AVERRÓIS
IMPRESSOS EM ITÁLIA NO SÉCULO XV
EXISTENTES EM BIBLIOTECAS DE ESPANHA
(E RESPECTIVOS NOMES DE IMPRESSORES)**

Ano	Cidades (e n.º de edição)			Impressores
	Pádua	Veneza	Bolonha	
c. 1474	11			Laurentis Canozius
1481		3		Philippus Petri
1482		7		Philippus Petri
1483 [-1484(?)]		8		Andreas [Torresanus], de Asula e Bartholomaeus de Blavis
1486		2		Bonetus Locatellus, impens. Octaviani Scoti
1488		5		Andreas Torresanus
1489		9		Bernadinus Stagninus
1490-1491		1		Johannes e Gregorius de Gregoriis
1495-1496		10		[Johannes e Gregorius de Gregoriis]
1497		4		Bonetus Locatellus
1497		6		Aldus [Manuzius] Romanus
c. 1497-1500			12	Benedictus Hctoris